

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CONTEXTO DE EAD

Mary de Andrade Arapiraca¹

Luciene Souza Santos²

Kelly Cristine Ribeiro³

Introdução: Recursos midiáticos na narrativa

A contação de histórias é a arte da palavra que se atualiza no presente, no momento em que é pronunciada pela voz do contador de histórias, para quem a relação com o ouvinte é direta e imediata, “ambos estão presentes no mesmo lugar e compartilham a produção narrativa no mesmo instante em que ela se dá” (MATOS, 2005:101). É assim que a maioria das pessoas reconhece o momento da contação de histórias, em um contexto presencial, desde pais contando histórias para os filhos na beira da cama até as bibliotecas públicas onde muitas crianças assistem atentas às narrativas apresentadas ou em noites de contos endereçadas aos adultos, entre outras paisagens possíveis.

Entretanto, a contemporaneidade suscita novos cenários, diferentemente do contador de histórias tradicional, cuja arte era aprendida no viver comunitário (LIMA, 2005), o narrador contemporâneo forma-se através de oficinas, constrói seu repertório e sua memória através de livros, cria performances para a televisão, usa vídeos para o registro do próprio trabalho, posta-os no Youtube que, por sua vez, torna-se fonte para outros contadores de histórias.

Ao fazer uso da linguagem midiática para contar uma história, a figura do contador abre mão do olhar do ouvinte, desse outro com quem em princípio partilharia a construção da *performance*, esse outro que gera todo um processo de “dosagem” da história com relação a gestualidade, vocabulário, duração. O contador ou contadora passa a posicionar-se diante das câmeras, tendo, sobretudo, a palavra mediada como arma para envolver o ouvinte e encantá-lo com o repertório escolhido, é o que Paul Zumthor (1983) chamou de oralidade mecanicamente mediatizada. A *performance* não mais é construída com um outro, mas sim para um outro.

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA)

² Universidade Federal da Bahia (UFBA)

³ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG)

É por isso que ao discutirmos a questão da contação de histórias no século XXI, é importante destacarmos os vocábulos palavra e imagem, e como a relação entre ambas se estabelece através das novas tecnologias. Além disso, é necessário refletir sobre a representação da imagem como linguagem nos espaços formativos da Educação a Distância, especialmente quando aquela se coloca também como portadora da narrativa oral.

Ora, a cultura contemporânea é, sobretudo, visual. Se olharem para os lados, os indivíduos poderão se perceber imersos em um incrível aparato tecnológico e imagético constituído de *out-doors*, *games*, *clips*, novelas, quadrinhos, todas formas de comunicação e mediadoras da cultura, que tomam o uso em demasia da imagem como elemento desencadeador do pensamento e da aprendizagem. O enfraquecimento da contação de histórias em sua forma tradicional no Brasil, ou seja, de boca a ouvido, pela voz próxima de pais, avós e vizinhos, ganhou um grande impulso com a popularização da televisão, especialmente nas décadas 80 e 90, este é o período em que as narrativas visuais se sobrepuseram às narrativas orais (MATOS, 2005)⁴.

Benjamin (2008) refletiu com certa melancolia acerca do desaparecimento do narrador tradicional, entretanto, o mesmo Benjamin pensou a reprodutibilidade da obra de arte, do fazer artístico. Para ele, a tecnologia oferece a possibilidade de “destacar do domínio da tradição o objeto reproduzido”, permitindo que este vá ao encontro dos espectadores em qualquer situação e que seja sempre atualizado no momento da reprodução (BENJAMIN, 2008:168).

Em 1935, Walter Benjamin afirmaria que “a reprodutibilidade técnica da obra de arte modifica a relação da arte com a massa” (BENJAMIN, 2008:187), enquanto uma pintura poderia ser apreciada por poucas pessoas, o cinema poderia ser visto e consumido por uma coletividade. A televisão seria inventada naquela mesma década e o final do século assistiria ao surgimento dos PC e da Internet. Então, algo que Benjamin não pôde testemunhar, a reprodutibilidade do fazer artístico atingiria proporções nunca antes imaginadas. A contação de histórias não poderia passar ao largo.

A televisão é um local de contradições, além de ser utilizada como espaço de divulgação da imagem, tem também uma função cultural e pedagógica, já que educa ou deseduca toda uma nação que tem acesso a esse produto cultural. Além dos programas educativos amplamente conhecidos nos canais de TV abertos, reproduzidos

⁴ Em verdade, a ruptura na linha de transmissão da contação de histórias se deu substancialmente entre as décadas de 30 e 80, graças à urbanização e à primazia da televisão e da escrita frente às formas orais e populares de expressão (MATOS, 2005; HAMPATÊ BÁ, 2008; LIMA, 2005).

constantemente em salas de aula presenciais, existem outras iniciativas, que conseguem misturar elementos e linguagens midiáticos e a reprodução significativa das narrativas orais, sem perder de vista o poder da palavra do contador de histórias. Pela experiência televisiva, percebemos que os aspectos visuais, verbais e estéticos permitem ao expectador experimentar um conjunto de significados visuais e simbólicos que emergem de suas tramas.

A contemporaneidade parece ser a época dos encontros, da palavra oral e da palavra midiaticizada, do resgate de tradições e da reprodutibilidade das mesmas através das novas tecnologias. É neste cenário que a Educação a Distância coloca-se como uma nova experiência pedagógica e, dentro desta experiência, a contação de histórias e a formação de contadores de histórias insere-se também de forma inédita.

Este é, pois, o *locus* de acontecimento das aulas de Estudos da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil, disciplina de um curso à distância de licenciatura em Pedagogia de uma faculdade da rede privada da Bahia e objeto de análise deste artigo, na qual se têm realizado rodas de contação, seguidas de discussões técnicas e teóricas sobre a arte de contar histórias, usando-se *videostreaming*⁵ e outras tecnologias para a mediação com os educandos.

1 A palavra do contador de histórias

Para as sociedades de tradição oral⁶, as histórias eram reservatórios de saberes e meio de transmissão dos mesmos, memória e palavra em movimento. E tal palavra busca a forma do conto para cumprir as suas funções, quer seja vincular o homem à divindade, guardar e veicular saberes, curar. A unidade de repertório básica do contador de histórias, portanto, são os contos tradicionais, “obras de arte de tempos imemoriais, transmitidas ao longo dos séculos e das diferentes culturas, oralmente, de geração a geração” (MACHADO, 2004:13).

Para Gislayne Matos (2005:XXVIII), o que se nomina “palavra” do contador de histórias não é apenas o conto em si, mas o resultado de uma relação muito particular entre o contador e o conto. Na composição da palavra do contador de histórias, existe

⁵ Tecnologia de transferência de dados que pode ser ao vivo ou não.

⁶ Paulo Zumthor (1983) define quatro tipos de sociedades no que concerne à palavra: 1) Oralidade primária ou pura: sem nenhum sistema visual de simbolização codificado e traduzível em língua; 2) Oralidade mista: possui a escrita, mas seus valores não são os da escrita; 3) Oralidade segunda: recomposta a partir da escrita. 4) Oralidade mecanicamente midiaticizada.

uma relação de total entrega ao conto, que é uma palavra viva e o contador, alguém que pode testemunhá-lo (MATOS, 2005:XXVIII). É isto que permite o processo de assimilação, deixar-se impregnar-se de tal forma que todos os sentidos possam ser aguçados e todo o corpo possa naturalmente comunicá-lo. A *performance* é, assim, o processo natural desse encontro entre a história e o contador, na assimilação da mesma e relação com o ouvinte.

Do ponto de vista pedagógico, a narrativa oral dá acesso a um tempo fora do tempo, fora da história cotidiana, no tempo do era, este espaço, permitido e criado pela imaginação, ajudando crianças e adultos a recriarem e resignificarem suas imagens internas e experiências particulares.

Se admitirmos que o poder básico da imaginação é o de configurar significações, é mais difícil perceber que sua função primordial é configurar significações, responsáveis por um genuíno e pessoal processo de aprendizagem. (MACHADO, 2004:31)

Portanto, as principais contribuições da contação de histórias para processos pedagógicos é o acesso ao imaginário e a lide com a palavra, uma palavra que estimula bons ouvintes e, conseqüentemente, bons falantes. Havelock (apud MATOS, 2005:139) afirma que “bons leitores surgem de bons falantes”. Para Matos (2005), a formação de leitores é um passo posterior, resultado do “relacionamento do indivíduo com as várias formas de expressão da palavra”, sendo semeado o terreno da imaginação e oferecido ao ouvinte a possibilidade de experimentar a narrativa oral.

2 A contação de histórias no contexto da EAD

Contar histórias é mesmo uma arte sem idade (COELHO, 1986) e é por concordar com essa afirmativa que levamos para o contexto de um curso de Licenciatura em Pedagogia, da modalidade à Distância as histórias tradicionais. Através da narrativa oral, a contação de histórias vem atravessando o tempo, e no caso dessa experiência, se estruturando em um suporte conhecido como *videostreaming*. O mesmo possibilita a realização de múltiplas leituras, determinadas pelo contexto pessoal e coletivo dos sujeitos envolvidos com essa prática.

Não se trata da construção de uma nova forma de se ler uma história contada, na medida em que o sujeito a narra. Mas, é impossível não pensar no meio digital, que por natureza é interativo e imersivo, bem como nas inúmeras percepções diante de uma

boa história, pois é esta que garante a arquitetura, a mutabilidade e a transitoriedade presentes em um texto que na experiência aqui narrada, é midiático.

(...) a prática pedagógica da contação de histórias pode ser desenvolvida junto à nova cultura tecnológica, o ciberespaço, que permite a formação de comunidades virtuais, possibilitando uma experiência social diferente [...], mas não menos interativa que os meios. Contar histórias é um dos hábitos mais antigos, inerentes à humanidade e tão velho quanto resistente. As mudanças que essa prática vem sofrendo nos últimos quinhentos anos correspondem a uma mudança da capacidade do ser humano narrar algo (BUSATTO, 2006: 92).

E é nessa perspectiva, marcada por computadores, telecomunicações, mídias eletrônicas, que as narrativas maravilhosas ganham voz e imagem e se multiplicam em rodas de histórias capazes de atingir cerca de dois mil (2.000) estudantes de uma única vez, a cada semestre letivo. Pode até parecer estranho, mas, as perspectivas tecnológicas para as formas literárias podem ser grandes atrativos para despertar o gosto artístico, ao mesmo tempo essas perspectivas também servem como canal de comunicação e divulgação para essas narrativas.

Bem, essa experiência se dá em um Curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Faculdade da rede privada da Bahia, entre o período que corresponde à novembro de 2008 até a presente data, sempre nas aulas de Estudos da Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil. Trata-se da realização de rodas de contação, seguida de discussões técnicas e teóricas sobre a arte de contar histórias.

A disciplina tem 72 horas e uma carga horária de 16 horas presenciais. Nesse espaço de tempo as aulas se realizam através do *videostreaming* e os educandos assistem, em tempo real, ao professor efetivando inúmeras discussões propostas, entre elas, os conteúdos atitudinais que contribuem para a constituição de todo e qualquer sujeito. Para Wallon (1938), citado por GALVÃO (2002), as emoções têm valor plástico e demonstrativo, incontestáveis e permitem ao sujeito uma primeira forma de consciência de suas próprias disposições e constituem-se no recurso primeiro de interação com o outro.

Os educandos têm a oportunidade de interagir com o professor conferencista através do *gmail* durante a aula e através do chat, do Sistema de Atendimento ao Estudante (SAE) e do Fórum de Discussões do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), depois da aula. No início de cada aula uma sessão de contação de histórias é estabelecida e no terceiro encontro presencial, um trabalho mais aprofundado sobre as

técnicas de contação é configurado: por que é importante contar histórias? Como escolher uma história? Como preparar a história para a contação? Como contar a história? Recursos Auxiliares para a história. O que fazer depois da contação da história?

A contação de histórias ainda apresenta outra peculiaridade - é uma atividade plástica que exige o esculpir do próprio corpo - e, é pela capacidade de modelar esse corpo que a emoção permite a organização de um primeiro modo de consciência dos estados mentais e de uma primeira percepção das realidades externas. A passagem dessa percepção corporal à capacidade de representação mental se dá com a ajuda da intervenção da linguagem - cujo acesso do estudante de EaD acontece através da linguagem midiática.

Com a certeza de que sendo a vida emocional a primeira condição para que as relações de interação ocorram, pode-se afirmar que ela está também na gênese do desenvolvimento da vida intelectual. Assim, os leitores são constituídos na e pela linguagem, através da relação com o outro, na e pela afetividade.

Conclusão

A experiência discutida neste artigo apresenta uma categoria distinta daquela produzida pelo cinema ou pela televisão. Através da utilização do *videostreaming*, a tecnologia permite não apenas a reprodutibilidade do fazer artístico e pedagógico, mas cria um meio de transmissão em tempo presente dos mesmos e, com isso, cria uma experiência de partilha em tempo presente, característica central da contação de histórias.

É certo que o momento vivido por contadores de histórias e ouvintes, no ato da *performance*, no partilhar do mesmo espaço, será sempre uma experiência singular e única. Existe, no entanto, um hiato entre os contadores de histórias tradicionais e contemporâneos. A ruptura na linha de transmissão é uma das causas de tal hiato.

Na reconstituição da arte de narrar, contadores de histórias contemporâneos vêm-se face ao desafio de reconstituir repertórios e formar outros contadores de histórias. Frente a tais questões, não é possível abrir mão das novas tecnologias, em suas possibilidades de transmissão e armazenamento de conteúdos. Trata-se pois, de um outro tipo de experiência, igualmente singular e única. Ao contrário da narrativa

tradicional, milenar, esta outra forma não é ainda sequer secular, há ainda um longo caminho a perceber, de prática e reflexão sobre a mesma.

A palavra oral pode abrir as portas para o texto literário, salientando-se sempre que seu trabalho fundamental é de abertura do imaginário e estímulo à escuta, é uma forma básica e primeira de lidar com a linguagem, cujos territórios abrem caminhos para várias outras possibilidades.

Após as discussões sobre as relações entre contação de histórias, formação inicial de professores no contexto da EaD e leitura, concluímos que o futuro das narrativas – sejam elas orais ou escritas, pertencentes ao patrimônio comum da humanidade ou autorais – está intimamente relacionado às múltiplas formas de se relacionar com tais textos em suas mais variadas possibilidades e interações.

Referências

BENJAMIN, Walter, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão*, in Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008, p. 197-221.

BUSATTO, Cléo. *A Arte de Contar Histórias no Século XXI*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

COELHO, Betty. *Contar histórias, uma arte sem idade*. São Paulo, Ática, 1986.

GALVÃO, Gislayne.A. *A Palavra do Contador de Histórias: sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

GALVAO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 11. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002. (Educação e Conhecimento).

HAMPATÊ BÁ, Amadou; BADAIRE, Jean-Gilles. *La Parole, Mémoire Vivant de l'Afrique*. Paris, Éditions Fata Morgana, 2008.

LIMA, Francisco Assis d.S., *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. 2. ed. Recife/PE: Editora Massangana (FUNDAJ), 2005.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne.A. *A Palavra do Contador de Histórias: sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.